

Corpo, Sexualidade e Deficiência

Sônia Berenice Hoffmann* e Eva Regina Carrazoni Chagas**

Muito se tem falado sobre sexualidade nesses últimos anos, no entanto, em nossa sociedade, ela continua parecendo estranha, conservadora e frágil. Na verdade, faz parte do lado sombra, do lado obscuro de nossas vivências. Não consegui, ainda, ganhar um espaço legitimado na vida de cada um/a e, dessa forma, não sendo reconhecida, não é trabalhada, mantendo a pessoa prisioneira de padrões rígidos e estabelecidos que já não servem mais.

O conceito de sexualidade até o final do século passado estava estreitamente ligado aos aspectos da genitalidade, e sua expressão deveria acontecer dentro do matrimônio, regulado por preceitos morais e religiosos.

Atualmente, no entanto, o conceito de sexualidade tornou-se mais amplo, mais global, mais dinâmico, abrangendo, como afirma Carrera:

- genitalidade
- identidade de gênero
- identidade de papel social
- papel familiar
- amor
- intimidade
- erotismo
- níveis de relacionamento

As profundas mudanças sociais e culturais, ocorridas a partir dos meados deste século nas sociedades ocidentais, vêm contribuindo para o aparecimento de novos costumes e novos comportamentos que estão modificando os pontos de vista tradicionais a respeito de um bom número de temas.

Assim, a sexualidade deixa de ser entendida como algo estritamente biológico, e passa a ser vista como parte indissociável de nossa identidade básica, e relacionada, por tanto, com o processo evolutivo e com a própria experiência pessoal, em um determinado contexto sócio-cultural.

Dessa forma, reconhecendo a sexualidade como parte do processo natural de crescer, podemos afirmar que está sempre presente. Também a Educação Sexual é algo que sempre nos acompanha, no sentido de que sempre houve transmissão de valores, opiniões e atitudes a esse respeito. Isso equivale a dizer que a educação para a sexualidade se produz em todos os níveis do cotidiano.

As crianças adquirem seu sistema de valores e seus conhecimentos sobre a sexualidade, observando comportamentos dos/as adultos/as e as relações entre os/as mesmos/as, sendo influenciadas pelos meios de comunicação de massa, observando a divisão de trabalho em função do sexo, entre outros aspectos. Sua mente vai-se impregnando dessas mensagens e imagens e vai configurando suas primeiras atitudes a respeito do afeto e da sexualidade.

Especial

Nessa perspectiva, lembramos Michel (1991, p.30), que afirma:

... ei-los, meninos e meninas, etiquetados, cristalizados, obrigados a se conformar com a imagem imposta, inculcada, daquilo que se espera deles. Ei-los, se não prontos para todos os preconceitos e todas as discriminações, no mínimo, prontos para banalizar a desigualdade dos sexos, a fim de simplesmente melhor perpetuá-la.

Esse processo educativo informal, assimétrico, não-verbal, ao qual todos/as estamos sujeitos/as, independente de sermos ou não portadores de deficiências, é, porém, em nosso ponto de vista, mais acentuado no espaço familiar.

É na família que a bagagem sobre a sexualidade se estrutura. Quando a família se vê diante das diferenças trazidas pela deficiência, ela, muitas vezes, paralisada, outorga a outros sua função primeira no aspecto da sexualidade. Mesmo assim, educa para a sexualidade. O silêncio é também uma forma eficiente de educar, pois relega a sexualidade a um âmbito confuso, cheio de culpas e vergonhas.

A verdade, no entanto, é que a sexualidade dos portadores de deficiência é um fato que gera conflitos. E não era de se esperar que fosse diferente, não em nossa cultura, na qual a deficiência representa o que é incontrolável e inesperado, ameaça e desorganiza as bases existenciais do não-deficiente, obrigando-o a reviver constantemente sua história.

Assim sendo, destaca Gherpelli (1995, p. 11), "a sociedade incorpora a diferença, como um sujeito em si mesma, sem levar em conta que, antes de tudo, trata-se de seres humanos." E continua, perguntando: "como lidar com essas pessoas? Como aceitar que o ser humano pode não ser perfeito? E, sobretudo, como admitir que esse imperfeito possa ser sexuado?"

Ressaltamos, assim, a importância do trabalho sobre sexualidade dos portadores de deficiência a fim de que possam desfrutar do simples toque e consigam identificar com mais tranquilidade sentimentos associados à sexualidade.

Acreditamos que respeitando e compreendendo, como afirma Gherpelli, a sexualidade no diferente podemos evitar o agravamento das suas limitações. A sexualidade é um componente, que bem trabalhado, pode contribuir para uma melhoria da qualidade de vida.

A falta de compreensão de suas reais necessidades, associada aos estereótipos, que limitam experiências, vivências e atuação social nos parecem ser os verdadeiros fatores limitantes das possibilidades do ser humano.

Na tentativa de sensibilizar e mobilizar os/as profissionais para intervenção educativa junto aos/as portadores de deficiências físicas, sensoriais e mental, com o objetivo, de propiciar a essas pessoas um espaço para o desenvolvimento da afetividade, da capacida-

de de entrar em contato consigo mesmo/a e com o/a outro/a, da utilização do corpo como via de expressão dos sentimentos, foi incluída a disciplina "corpo, sexualidade e deficiência", no Iº Curso de Especialização em Educação Física Adaptada, na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de maio-junho de 1995.

A disciplina ofereceu um espaço para discussões e trocas de vivências oportunizando uma reflexão sobre temas polêmicos que fazem parte do cotidiano, enfocando, principalmente, a dinâmica das relações interpessoais e profissionais.

As discussões e as leituras provocaram um turbilhão de sentimentos e idéias, dando chance a cada um/ a de autoconhecimento e embasando as modificações do processo de (re) leitura das situações e da problemática que a falta de informação e de formação sobre sexualidade traz.

Os debates, a princípio tímidos, ganharam força e neles as pessoas se permitiram revelar seus tabus, mitos, preconceitos, medos, angústias e preocupações, sensibilizando a todos/as, conscientizando alguns/as e mobilizando outros/as na busca de formas de intervenção psicopedagógicas que possam garantir o direito ao conhecimento sobre a sexualidade e um espaço que respeite a diversidade e a pluralidade de sentimentos, idéias e ações.

SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA:

um caminho possível

Assim, colocamos a teoria em prática e aproveitamos a oportunidade oferecida pela professora Lia T. Hoffmann, coordenadora do Departamento de Deficiência Visual do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), da Subsecretária de Desporto do Estado do Rio Grande do Sul, que também participou da disciplina, e desenvolvemos um trabalho sobre a sexualidade junto a um grupo de adolescentes portadores de deficiência visual.

O grupo está formado por moças e rapazes, na faixa etária de 14 a 21 anos, cuja grande maioria são portadores de cegueira e alguns/as apresentam visão subnormal. São oriundos/as de escola estadual de 2º grau e todos/as desenvolvem atividades físicas e/ou desportivas, no CETE.

Na tendência de atender as necessidades relativas às questões sexuais, expressas de forma indireta através de risos irônicos e nervosos, cochichos e deboches e, mesmo, angústias e atos reprimidos (agressividades mascarando toques afetivos), iniciamos uma série de encontros semanais.

Na primeira reunião, fizemos uma discussão procurando descobrir quais idéias e conceitos sobre o termo sexualidade. Além disso, levantamos, em conjunto, os objetivos de nossas reuniões e enfatizamos a estreita ligação entre sexualidade e deficiência (Foto 1).

Houve uma verdadeira explosão de idéias e de solicitações que evidenciaram claramente suas dúvidas, desconhecimento e confusões que abrangiam desde aspectos biológicos até comportamentos sociais.

Apontamos, abaixo, fragmentos de testemunhos que elucidam bem nossas afirmações:

F (...) quando penso em sexualidade lembro do sexo oposto, (...)

M (...) para mim sexualidade está relacionada a sentimentos (...)

J (...) sexualidade está ligada à cultura, (...) à igreja, (...) faz parte da nossa vida, (...)

M (...) é, com a lei do vestido branco, (...)

A (...) como é que vou me apresentar, eu nunca fiz isto, (...)

C (...) antigamente se falava pouco sobre sexualidade, agora se fala muito, se explora muito na televisão, (...) e cria-se uma confusão na cabeça das crianças, pois não há explicações para as coisas que vêem e ouvem, (...)

Inicialmente, sexualidade era conceito bastante restrito e à medida que foram discutindo reconstruíram a idéia, ampliando e acrescentando novos componentes. Aproximaram-se, desse modo, do conceito de sexualidade que está presente na literatura especializada sobre o assunto, demonstrando com isso que a sexualidade é algo inerente à pessoa e que independe da deficiência visual.

A afirmativa, abaixo, parece explicitar bem nossos comentários:

M (...) falar sobre sexualidade é sair do teu mundo e entrar no mundo das outras pessoas, (...)

O trabalho de esclarecimento sobre a sexualidade e sua abrangência, continuou em outros encontros.

Após a vivência de uma técnica de relaxamento denominada "bolha", fizemos uma ampla discussão em que nossos/as parceiros/as de trabalho relataram suas percepções:

F (...) a bolha para mim significou a gestação, (...) e estourar a bolha significa nascer para as outras pessoas, (...)

M (...) estourar a bolha é a hora de encontrar as pessoas, (...)

Esse momento foi extremamente importante, pois, durante a discussão, surgiu o assunto sobre a vasectomia e o aconselhamento genético, como possibilidade de prevenir e evi-



tar o nascimento de crianças com deficiência visual por razões hereditárias, como, por exemplo, ocorre nos casos de Retinose Pigmentar.

Foto 1-
Nosso primeiro encontro: emoção, nervosismo, tensão e riso

Foto 2. Revelação -descobrimto autopermissão.

Foto 3. O jogo: um despertar para o conhecimento e o reconhecimento



de questões importantes e polêmicas.

Queremos destacar que nos surpreendeu o desconhecimento deles/as sobre o assunto como alternativa para não dar continuidade a que novos casos de deficiência visual surjam através de seus descendentes. (Foto 2)

Em outro encontro, trabalhamos com um jogo chamado OXES, criado por um grupo de adolescentes de Belo Horizonte, para um concurso na Fundação Emílio Oldebrecht. Esse jogo de cartas, de dois tipos, vivências e informações, foi transcrito para o sistema Braille e os dados foram também adaptados. Além disso, foram incluídas algu-



mas questões que objetivaram tocar em problemáticas que sabíamos estarem ocorrendo (Foto 3).

Escolhemos esse recurso porque, além de ser uma forma interessante de abordar

o assunto, permite a descontração e liga os aspectos da sexualidade ao prazer, à alegria. Consideramos essa ligação altamente positiva e enriquecedora.

Durante o jogo, verificamos que muitas barreiras, ainda não vencidas, foram caindo e as pessoas foram-se revelando e se expondo, podendo, com isso, repensar e reorganizar seus conhecimentos e sentimentos.

Destacamos que, apesar de todos/as os/as participantes terem freqüentado programas de aprendizagem do sistema Braille, a grande maioria apresentou problemas na fluência de leitura, reconhecimento de números e letras em Braille e manuseio dos dados.

Tais fatos, somados a outros anteriormente ocorridos, preocuparam-nos e nos levaram a questionar sobre o tipo, a variedade e a qualidade das vivências oportunizadas a eles/as, não somente verbais como no plano da ação. A comunicação verbal é muito intensa e expressiva, ficando, porém, a expressão corporal e motora bastante empobrecida, excluindo-se os momentos programados para as atividades físicas e/ou desportivas.

Cabe salientar ainda que, durante o jogo, algumas perguntas ligadas a aspectos anatomofisiológicos fizeram com que eles/as percebessem o desconhecimento do corpo, apesar de freqüentarem o 2º grau. As questões, abaixo, estavam entre aquelas que causaram maior impacto:

- Quais são as estruturas que compõem o aparelho genital feminino?
- Que estruturas constituem o aparelho genital masculino?
- Somente as mulheres não virgens podem usar absorventes internos?
- Onde ocorre a fecundação?
- Poluição noturna é outro nome para masturbação?

Salientamos também que algumas questões de vivências foram bastante debatidas e provocaram críticas e questionamentos a respeito de atitudes e comportamentos vividos entre os próprios componentes do grupo, que ali realizam suas experiências pedagógicas, sociais e afetivas.

Uma das questões bem polêmicas debatida pelo grupo foi: uma relação afetiva requer cumplicidade e confiança. Pode um dos/as parceiros/as tornar público o que acontece na intimidade?

Outras questões debatidas com entusiasmo foram:

- Planejar a relação sexual tira a fantasia, o romantismo e o sonho?
- No sexo, como em outra coisa qualquer, o que conta é o rendimento, o desempenho. Concordas?
- Virgindade é importante? Por quê?

Nessa altura do trabalho, nossos/as parceiros/as manifestavam-se mais descontraídos e expressavam, através de suas posturas corporais, maior tranquilidade em relação ao tema e ao fato concreto do desconhecimento.

A compreensão de que a sexualidade é algo que se aprende, ao longo da vida, principalmente de modo acientífico, pouco sistemático, informal e propagador de mitos e tabus inadequado e deformador, realizado através do ensaio e do erro, foi por eles/as percebido como um empecilho à vida mais saudável e feliz (no sentido mais amplo). A partir daí, propuseram-se a uma revisão crítica de seus conhecimentos e experiências e reelaboração de conceitos, valores, sentimentos e comportamentos, com bases científicas, sistemáticas, intencionais e despojadas, o máximo possível, de tabus e mitos.

Acreditamos, como afirma Galli, que esse processo é muito significativo, pois, através do fortalecimento interno é que as pessoas podem enfrentar tantas mudanças, têm maior segurança diante das decisões e podem manter-se inteiras diante das críticas e deboches, além disso, passa a repensar, reafirmar e reorganizar suas posturas e atitudes.

Em continuidade aos nossos encontros, foi lido para o grupo o conto *O beijo na boca* (Jaf, 1994), no qual narrava a história de uma adolescente que, preocupada com o primeiro beijo, decidiu ensaiá-lo com auxílio de barras de chocolate.

Durante a narrativa, nossos/as parceiros/as de trabalho participaram ativamente, ouvindo e tecendo comentários através de brincadeiras e expressões verbais de apoio ou alusivas a situações divertidas. Quando um dos participantes comentou que "ago-

ra as meninas não precisam se preocupar porque já existe o chocolate Baton", perguntamos sobre suas preferências quanto ao beijo com ou sem batom. Em seguida, pudemos discutir sobre a problemática da cegueira em relação ao ser beijado ou beijar usando batom, correndo o risco de ficar marcado/a ou manchado/a e nada desconfiar por não possuir a retroalimentação visual.

Muitos/as não tinham pensado nessa hipótese, outros consideraram a condição do uso do lenço ou guardanapo de papel como alternativa para evitar certo constrangimento. No entanto, após reflexões, a grande maioria concluiu que o uso do batom deve ser evitado quando existir o beijo na boca ou, então, substituído por aqueles cuja ação se prolonga por 24 horas, já que muitas vezes pode persistir a dúvida se estão ou não com marcas.

Essa conclusão mostrou que estavam ampliando seu leque de opções e se capacitando a tomar decisões mais compatíveis com sua limitação visual, aplicando na vida cotidiana os conhecimentos anteriormente adquiridos. Foi um despertar para a consciência de que há um mundo visual que vai além do mundo de cada um/a.

Como evidência desse despertar, podemos citar os comentários que eles/as fizeram sobre o relacionamento afetivo entre um/a portador/a de cegueira e alguém que apresenta visão normal.

F (...) não é preconceito, mas eu acho que uma deficiente deve procurar outro deficiente, porque é um mundo mais igual, (...).

M (...) quando uma mulher cega namora um homem de visão normal, parece que ele protege, (...) fica assim mais do que namorado, (...) por mais que ele saiba que a gente é capaz, (...) ele sempre tem medo, (...).

M (...) não caberia, (...) até com o tempo poderia provar(...).

J (...) provar?! (...), mas conseguir provar ainda, (...).

Esses comentários nos levam a reafirmar a necessidade da garantia de um espaço no qual essas vivências e esses valores possam ser compartilhados, analisados e avaliados, nos vários aspectos que podem ir desde a indignação até a supervalorização dos mesmos.

Em outra oportunidade, aplicamos a técnica denominada Brincança I, que compõe o livro *Orientação educacional, também uma questão de corpo*, de Baleiro e Serrão, gentilmente enviado da Bahia pelas autoras.

A técnica consiste em uma série de exercícios imitativos de posturas de seres humanos e movimentos de animais, realizados através de breve relaxamento e percepção do seu corpo. Ao terminarmos conversamos sobre a sua simbologia e significação. Muitos/as comentaram e chegaram à conclusão que podemos desempenhar vários papéis, mas a essência continua sendo a própria individualidade (Foto 4).

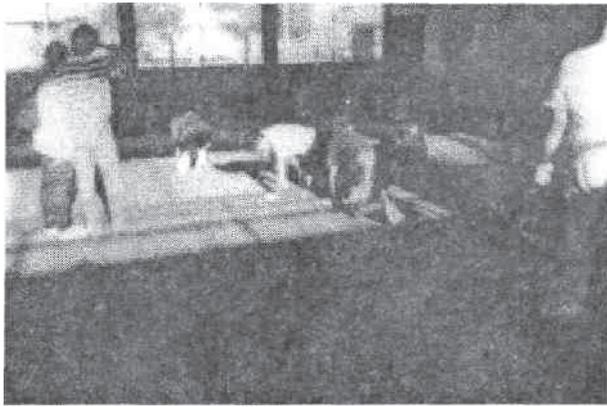


Foto 4.
*Sexualidade: da
sombra para a luz.*

Em atendimento ao pedido de continuidade de nossos encontros, estamos, no momento, desenvolvendo atividades enfocando questões biológicas que visam revisar e ampliar conhecimentos, corrigir falsas idéias e desmistificar conceitos que tantos prejuízos têm trazido.

REPENSANDO A REABILITAÇÃO

Estamos inscritos em uma sociedade que supervaloriza o corpo e a forma, a estética e a imagem, vinculando, muitas vezes, conceitos de sexualidade a esses padrões, transformando-a e traduzindo os valores em símbolos visuais.

Constantemente, encontramos nas revistas, *outdoors* e televisão propagandas, chamadas e programas que direta ou indiretamente atribuem ao corpo a responsabilidade e a garantia do "sucesso social".

Ao lado disso, verificamos que as pessoas, através desses recursos, assimilam formas de conduta e comportamento e, pela imitação, entram na onda e nos modismos e assim, entre a imitação de passos de dança e gestos de

saudações, crianças, jovens e adultos elaboram informalmente o conhecimento.

Nessa altura, perguntamos: como acontece e como se organiza o processo de construção do conhecimento pela imitação do comportamento social e motor nas pessoas que, de forma congênita ou adquirida, não possuem a visão como canal informativo?

Se consideramos o fato de que, por estimativa da ONU, 0,5% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiências visual e, com isso conseqüentemente prejudicadas em seu acesso a material informativo impresso e/ou televisionado como referencial para sua organização ou reestruturação de valores e conhecimento, chegaremos a simples conclusão de que somente através de programas adequados e qualificados de habilitação e/ou reabilitação conseguiremos minimizar os efeitos da perda visual e, principalmente, da problemática que ela impõe.

Ao falarmos de programas adequados e qualificados, estamos incluindo conteúdos que realmente contemplem as necessidades presentes em cada um/a de maneira concreta, fantasmática ou projetadas no futuro, sem que exista por parte dos/as profissionais da educação e/ou da reabilitação a espera pela demanda ou desintegração da pessoa.

Essas inclusões, no entanto, não se restringem aos conteúdos específicos de cada deficiência. Vão além: abrangem mudanças metodológicas e estratégicas que capacitem e devolvam ao indivíduo

a condição de organizar e (re) significar seu autoconceito, estimar e valorizar sua sexualidade inscrita e escrita de seu corpo psicomotor.

Contudo, observamos, ao longo dos anos e pela literatura, que, na grande maioria dos casos, pessoas portadoras de necessidades especiais ainda são vistas e trabalhadas como seres assexuados, remetidos constantemente a uma infantilização dos seus sentimentos, desejos e comportamentos em uma devastadora pulverização das manifestações e expressões afetivas.

As externalizações de desejo normalmente aceitas são aquelas relacionadas à aprendizagem, à recuperação, à cura e, no máximo, ao crescimento financeiro.

Há uma grande preocupação em oferecer às crianças, adolescentes e adultos cegos ou com visão subnormal as técnicas de Orientação e Mobilidade (bengala) e o ensino do Sistema Braille, bem como instrumentalizá-lo para o andar, escrever e verbalizar. Mas, ao lado dessa rede, eles/as continuam alimentando suas fantasias e cristalizando suas dúvidas no que se refere a sexualidade, frustrando-se homeopaticamente.

Não é fácil escrever ou conversar sobre a sexualidade, porém pensar que seja possível reabilitar alguém sem tocar em sua essência e sem fortalecer o seu "eu" interior é algo mais difícil ainda.

CONCLUSÕES

Os portadores de deficiência física, sensorial e

mental, como as demais pessoas, têm que vencer as resistências e se apropriarem de conhecimentos que, valorizados, possam gerar comportamentos mais adequados às suas necessidades. É preciso rever o conceito de sexualidade. Áreas do corpo comprometidas não impedem a expressão da sexualidade como um todo. A deficiência não é irrestrita, a pessoa toda não é deficiente, apenas tem uma deficiência que não pode ser encarada como responsável por todas as agruras da vida.

Há que se fazer um esforço muito grande e incluir aspectos da Educação Sexual formal, isto é, com intenção clara de educar de maneira sistemática para uma sexualidade humanizada.

Para tanto, permanece o desafio de preparar os/as profissionais que atuam no processo de habilitação e reabilitação e que, portanto, acabam compartilhando idéias e sentimentos importantes com todos/as aqueles/as que a ele vinculam numa relação profissional.

O potencial de mudança é grande quando alguém é levado, de modo adequado, a abrir-se a uma nova compreensão de determinados fatos relativos à sexualidade, quando lhe é garantido um espaço para colocar e discutir dúvidas, quando é fácil o acesso livre a materiais informativos e provocadores de reflexão crítica sobre as questões sexuais.

É desse espaço que falamos, é com isso que sonhamos, assim, baseando-nos em Neves dizemos que: a Educação pode e deve garantir a todos um espaço para a crítica sobre a sexualidade estabelecida e deve ser

o laboratório das novas significações e vivências.

Ressaltamos que precisamos pensar nos conteúdos da vida contemporânea, em conteúdos como sexo, morte, dor, violência, segregação, silêncio, esperança. Isto é, deixar a vida entrar e propor assim a diversidade e a pluralidade.

Assim, é possível criar condições para produzir um novo tipo de subjetividade, e revelar singularidades dissonantes. Criar currículos e programas que levem em conta o movimento da sociedade onde se estabeleça uma rede dentro da qual se possa traçar múltiplos percursos e estabelecer percursos diversificados e ramificados.

Quem sabe assim, como afirma Barbosa, será possível escolher formas diferenciadas de ser e de viver e construir uma nova ética de pensar e agir, fundada em valores comuns à vida e à criação humana.

E, para encerrar, queremos frisar que é preciso criar um lugar onde possa existir a fantasia, a criação, a abertura para o mundo interior e para o exterior. Criar condições para produzir um novo tipo de subjetividade, que possa libertar os humanos e garantir-lhes significados de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALEIRO, Maria Alice e SERRÃO, Margarida. *Orientação educacional: também uma questão de corpo*. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade

Federal da Bahia, 1991.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. E no trabalho educativo onde fica a subjetividade? *Educação, subjetividade e poder*. Porto Alegre, n.2, v.2, p.15-17, abril. 1995.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. *O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual: da intervenção precoce à integração escolar*. São Paulo: Newswork, 1993.

CARRERA, Michel. *Os fatos, os atos e os prazeres do amor*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

CARROLL, Thomas J. *Cegueira: o que ela é, o que ela faz e como viver com ela*. São Paulo: s/e, 1968.

GHERPELLI, Maria Helena Brandão. *Diferente, mas não desigual: a sexualidade no deficiente mental*. São Paulo: Gente, 1995.

JAF, Ivan. *Beijo na boca*. São Paulo: Modema, 1994.

MICHEL, Andree. *Não aos estereótipos! Vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares*. São Paulo: Conselho Estadual da Condição Feminina; Paris: UNESCO, 1991.

UNITERMOS

Sexualidade - Deficiência - Espaço - Debate - Vivências - Parceiros/as de trabalho - Programas e currículos - Melhoria da qualidade de vida

*Sonia Berenice Hoffmann é Mestranda em Ciências do Movimento Humano -ESEF/UFRGS -1996. Fisioterapeuta. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

**Eva Regina Carrazoni Chagas é Doutoranda em Educação da Saúde e Comunidade - PUC/RS - 1995. Mestra em Aconselhamento Psicopedagógico. Professora de Ciências Biológicas.